



METODOLOGIAS E DINÂMICAS NA AULA DE BATERIA PARA UMA ALUNA SURDA

Walkimar Guedes Silva Amorim¹
Lucélia Cardoso Cavalcante Rabelo²

Categoria: Relato de experiência

Eixo Temático/Área de Conhecimento: Práticas pedagógicas com alunos público-alvo da educação especial.

RESUMO: Considerando o direito de acessibilidade do público com deficiência, incluindo as pessoas surdas que tem uma singularidade no processo de comunicação mediado pela Libras, este trabalho, tem por objetivo apresentar uma experiência de inclusão musical envolvendo uma jovem surda no contexto de uma instituição social religiosa. O pedagogo tem o papel de desenvolver métodos com base nos pressupostos de teorias pedagógicas, a isto se aplica, processos educativos pensados em ambientes não escolares também, com vistas a contribuir com o processo de inclusão. Com esta perspectiva, foi planejado e desenvolvido um plano de aulas, para o ensino de música para uma aluna surda, especificamente com aulas individualizadas de bateria. O interesse pelo instrumento musical, partiu do interesse da aluna surda em aprender a tocar, pois as vibrações da bateria eram percebidas com maior clareza. Foram realizados registros diários de cada aula, sobre o planejamento, intervenção e resultados da interação educativa professor-aluna. Assim, percebeu-se depois de quatro meses, analisa-se que a inserção da pessoa surda no universo musical é possível e requer uma dedicação perceptiva da pessoa surda, além de exigir métodos e didáticas, ainda não identificados na literatura muito exígua, constituindo-se uma inovação planejar, desenvolver, acompanhar e avaliar os aprendizados consolidados. A aluna surda, apresenta-se tocando o instrumento de forma individual e em conjunto misto (banda com baixista, guitarrista, tecladista e

¹ Walkimar Guedes S Amorim. Graduando do curso de Licenciatura plena em Pedagogia (ICH/FACED/Unifesspa). Bolsista do programa federal Residência Pedagógica. E-mail: walkimarguedes@gmail.com

² Professora Dra. da Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Federal do Sul e sudeste do Pará e coordenadora do Núcleo de Acessibilidade e inclusão Acadêmica – NAIA. E-mail: luceliaccr14@gmail.com

cantores) formado por outros músicos ouvintes, proporcionando assim a inserção da aluna no meio musical. Com essa experiência, foi possível explorar abordagens metodológicas que auxiliem na mediação para a execução de um instrumento musical pela pessoa surda. Foram sistematizados esse processo com a finalidade de contribuir com experiências com outros surdos, visando a inclusão.

Palavras- chave: Educação Musical, Aula de Bateria para Pessoa Surda.

1. INTRODUÇÃO

O senso comum entende a música como algo exclusivo do ouvinte, e por padrões impostos, a Comunidade Surda em sua maioria acaba por entender da mesma forma. Cruz (1997) traz a problemática quando diz que “A música é vista como algo que os povos surdos não podem fazer uma vez que se trata de um fenômeno que deva ser experimentado através da audição”. (Apud. Finck 2007).

Cervellini (1986) critica o direcionamento da experiência musical, destinada apenas às pessoas que ouvem, e esclarece:

Ouvir e fazer música é uma possibilidade do homem, que lhe proporciona alegria da realização pessoal, o enriquecimento de seu mundo interior, uma nova forma de comunicação. Entretanto ela tem sido privilégio dos ouvintes [...] (CERVellini, 1986, p.14).

É necessário pensar caminhos para se romper com o paradigma de que a música seja um privilégio, pelo conjunto de potenciais de desenvolvimento que ela propicia na vida do ser humano. As pessoas surdas têm o direito de vivenciar essa experiência de aprendizado.

Cervellini (2003) complementa que:

Musicalidade é a possibilidade que o homem tem de se expressar a música interna, ou entrar em sintonia com a música externa, por meio do seu corpo e seus movimentos, por meio da sua voz, cantando, do tocar, do perceber um instrumento sonoro musical ou não, ou de uma escuta musical atenta (CERVellini, 2003, p. 75).

A aprendizagem da música é fundamental para a formação do ser humano e representa cidadania, portanto, é necessário desenvolver métodos de ensino em

formato acessíveis para pessoas com deficiência. No que se refere aos direitos da pessoa surda, além na legislação mais ampla temos a Lei de Libras Nº10.436/2002 (BRASIL, 2002), na qual fica reconhecido que os surdos tem direito a se comunicarem e se expressarem em Libras, assim como outros recursos a ela associados, deverão ser aplicados no contexto de garantir a inclusão social do surdo.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002, p. 1).

Isto posto, ao se propor de incluir uma pessoa surda como aprendiz de instrumentos musicais, é necessário implementar essa iniciativa acessível considerando a organização e uso de informações em Libras, ensino em Libras e expressão do conhecimento em Libras.

Na busca de quebrar esses paradigmas, propõe-se, descrever como se dá a aprendizagem musical de uma aluna surda e com isso nos municiar de materiais didáticos para trabalhar o ensino da música de forma inclusiva.

Ao buscarmos entender a perspectiva da educação inclusiva pesquisamos alguns autores que corroboram com o nosso entendimento. Mittler (2003) defende que a educação deve ser inclusiva para todos os alunos não apenas àqueles com o “rótulo” de necessidades especiais, pois segundo o autor, todos nós precisamos de alguma forma de cuidados especiais para entender determinado assunto. Lacerda (2006) corrobora ao dizer que a Educação Inclusiva defende o compromisso da escola de educar cada estudante, contemplando a pedagogia da diversidade, pois todos os alunos devem estar na escola regular independente da sua condição social, étnica ou linguística.

Entendemos que a inserção cultural é possível e direito de todos. Segundo a Lei n. 11.769/08 art.1º que altera o art. 26º da LDB 9394/96 (BRASIL, 1996) com o

§6º A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo." (NR).

A pessoa surda tem o direito usurpado quando a privamos de experiências com a música que está presente em todas as culturas do mundo, sabemos que é necessário muito trabalho para conseguir quebrar paradigmas e padrões impostos pela sociedade no que diz respeito à música na cultura surda onde percebemos que há uma estranheza quando se fala sobre música para surdos, pois para muitos, música é apenas para ouvintes. Contudo, uma parca literatura tem evidenciado, que os surdos conseguem sentir a música através de vibrações. De acordo com o radiologista Dean Shibata, da Universidade de Washington, as pessoas com deficiência auditiva sentem as vibrações da música na mesma região do cérebro usada pelas outras pessoas quando estão ouvindo alguma coisa. Para Shibata, essas vibrações devem produzir um efeito tão real quanto os sons musicais, para ele a percepção das vibrações da música é provavelmente tão real quanto os sons equivalentes, uma vez que elas são processadas na mesma região do cérebro.

Nesse contexto, foi planejado um projeto de ensino de música para uma jovem surda, que integra a comunidade de uma igreja. Considerando uma demanda que se apresentou: o interesse da participante surda, aprender a tocar como instrumento, uma bateria.

O relato de experiência, abrange um processo educativa, implementado há alguns meses com uma aluna surda.

Para ministrar aulas de bateria para uma aluna surda, denominada aqui nesta abordagem, de Fernanda³. A aula foi iniciada por interesse da aluna em aprender a tocar o instrumento que lhe chamou atenção pelas vibrações percebidas por ela com maior clareza. A Bateria é um instrumento primitivo formado por vários tambores

³ Nome fictício

percussivos com membranas que ao serem percutidas com uma ou duas baquetas⁴ vibram e produzem o som.

O objetivo geral é a analisar a efetividade de métodos de ensino de Música para uma aluna surda, inserindo-a no universo musical e trabalhos especificamente a preparação da aluna para executar o instrumento – a bateria – tanto de forma solo quanto em conjunto formado por outros músicos ouvintes.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Esta experiência foi desenvolvida durante quatro meses de duração, no ano de 2018. Foram realizados registros escritos das situações de ensino envolvendo a aluna surda, intervenções, respostas da aluna, interação, aprendizados e resultados gerais do desempenho em apresentações. Foram realizadas filmagens e registros fotográficos sobre o processo.



Figura 1: Aula prática com Partitura

Fonte: Registro do autor

⁴ ba-que-ta |ê| (italiano *bacchetta*, pequeno bastão).
madeira com que se toca tambor, bateria ou afim.

O registro dos dados se deu com base nas orientações qualitativas de pesquisa, e essa experiência inicial, preparou o contexto para o desenvolvimento de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso⁵, já que o professor e instrutor é estudante de Pedagogia e Músico professor.

As etapas da experiência de ensino de Música, está descrita nos passos a seguir:

No primeiro dia de aula estudamos sobre física acústica, ou seja, como se dá a vibração sonora, sabendo que o som é produzido através de vibrações de ondas sonoras o objetivo da aula foi mediar o entendimento da aluna em saber como se dá a origem do som. Usamos vídeos produzidos por Herbherth Novaes⁶ que de forma didática e visual aborda o tema em questão com tradução em libras.

A metodologia utilizada na primeira aula, consistiu na socialização de vídeos (uma série de 04 vídeos de 10 min em média) com a aluna, com antecedência de duas semanas antes da primeira aula para que a aluna assistisse e com a ajuda da interprete, fossem tiradas algumas dúvidas. Na aula dialogamos com a ajuda da intérprete sobre como se dá formação do som e o timbre que é a qualidade do som. Usamos as peças da bateria para exemplificar as diferenças de vibrações sonoras, diferenças de vibrações aqui entendidas como timbre. Realizamos uma dinâmica em que a aluna primeiramente criou sinais às peças da bateria e logo em seguida, assim procedemos: A aluna de costas para a bateria de modo a não ver o instrumento, mas com uma proximidade para sentir as vibrações, o professor inicia a percutir com uma baqueta de madeira cada peça diferente do instrumento. A aluna sentia a vibração quando a peça do instrumento era percutida, a aluna surda, então mostrava os sinais de cada peça percutida. E assim seguimos por aproximadamente

⁵ Trabalho está sendo elaborado e será desenvolvido com o título: Ensino de Instrumentos musicais e as práticas metodológicas do ensino da bateria para surdos, com base na experiência de métodos desenvolvidos nessa experiência inicial.

⁶ Herbherth Novaes graduando em Educação Especial pela UFSCar (Universidade Federal de São Carlos).

20 minutos, o número de acertos foi significativamente maior que o número de erros, aplicamos a mesma dinâmica à todas as outras partes da bateria.

Em outro encontro falamos sobre o ritmo. A Metodoliga utilizada foi a seguinte: demonstramos o ritmo usando o relógio analógico, observando o ponteiro dos segundos que se move de forma contínua sem perder o ritmo. Outra forma de exemplificar o ritmo foi o pulso cardíaco-vascular que podemos sentir através do toque no nosso próprio punho na parte inferior.

A aluna conseguiu assimilar os exemplos dados e então iniciamos um trabalho rítmico na bateria. Iniciamos a marcação do ritmo pelo *hit hat*⁷, o professor auxiliava a aluna com o movimento das mãos e balançando o corpo para trabalhar a marcação rítmica, o exercício foi feito por 15 minutos e então mudamos de peças, fizemos o mesmo trabalho com a caixa⁸ da bateria e a mesma metodologia foi adotada com as demais peças do instrumento.

⁷ Chimbale, chimbau, contratempo, xipô ou prato de choque é um dos pratos da bateria. Também é conhecido no termo original em inglês, Hi-hat. Basicamente, consiste em dois pratos montados face-a-face em um pedestal, equipado com dispositivo de pedal. Podem ser tocados com baquetas, com os pratos fechados, durante a abertura ou abertos, ou ainda acionando o pedal para trazer os pratos juntos de forma vigorosa.

⁸ Ilustração de peças da bateria.

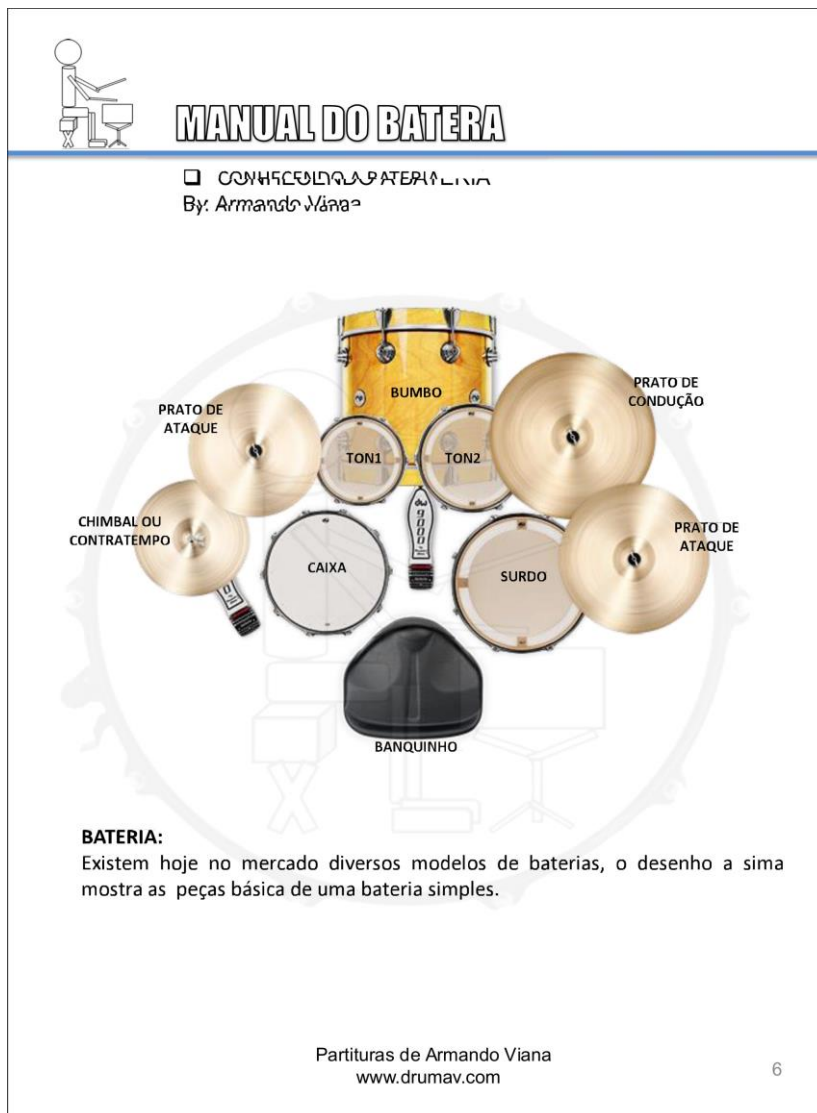


Figura 2: Ilustração de peças da bateria.

Em continuidade, iniciamos o estudo da partitura⁹, para auxiliar-nos no entendimento da divisão rítmica. Iniciamos estudando as figuras de notas¹⁰. Nos estudos iniciais da partitura abordamos estudos com no máximo a figura de nota

⁹ Partitura é um objeto, ou hoje um arquivo digital, que reúne símbolos representando valores físicos do som – da altura, duração, intensidade e timbre.

¹⁰ Figuras de Notas são sinais que indicam a duração dos Sons. Representados pela semibreve, figura de maior valor sonoro; mínima que equivale a metade da semibreve; semínima que equivale a metade do valor da mínima, colcheia que equivale à metade do valor da semínima, semicolcheia que equivale à metade do valor da colcheia, Fusa que equivale à metade do valor da semicolcheia e semifusa que equivale à metade do valor da (Mascarenhas, 1973).

chamada de semicolcheia por ser considerada uma figura de execução rápida dependendo do andamento adotado.

Os exercícios propostos com o estudo das figuras de notas trabalham não somente a leitura, mas também é trabalhada a ambidestria para a execução da bateria, a independência dos membros do nosso corpo, tornam-se fundamental na prática deste instrumento.

Usamos os exercícios do livro “Manual do Bateria” de Armando Viana¹¹. Os primeiros exercícios foram os contidos na página 23¹² onde trabalhamos os compassos simples juntamente com a execução das figuras de notas. Usamos um aplicativo chamado “metronomo luminoso” para fazer o papel do aparelho chamado metronomo¹³ para guiar a aluna nos estudos, os primeiros dias não colhemos resultados satisfatórios usando o metronomo luminoso, então a estratégia foi que a marcação do andamento fosse feito pelo professor em forma de gestos de regência¹⁴.

¹¹ Armando Viana, baterista profissional nascido na cidade de Duque de Caxias RJ.

¹² Anexo 2 (Exercícios do livro “Manual do Bateria” de Armando Viana)

¹³ Metronomo - Instrumento inventado no sXIX para estabelecer um padrão fixo para os andamentos musicais [Construído pelo mecânico austríaco Johann Nepomuk Maelzel 1772-1838.].

¹⁴ Anexo 3 (formas de Regência dos compassos simples)



MANUAL DO BATERA

□ ΤΕΧΝΟΛΟΓΙΑ ΜΕΣΟΚΟΙΝΩΝΙΚΗΣ ΑΓΩΓΗΣ
By: Armando Viana

EXERCÍCIOS:

Nesse exemplo, vamos utilizar compassos com 4 tempos e cada figura deve ser utilizada respeitando a quantidade de notas por tempo. A manulação será direita e esquerda, sempre nessa ordem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme a vivência aqui descrita, podemos elencar alguns resultados e discutir sobre o processo de ensino desenvolvido com a aluna surda, como uma trajetória singular de aprendizagem musical.

Nos quatro meses de ensino inclusivo de uma aluna surda, é possível destacar aprendizados significativos, tal como se observou nos ensaios – atividades práticas – testes sobre a compreensão da aluna a respeito dos componentes da bateria e sua função na composição musical.

A aluna já realiza apresentações tocando bateria acompanhando as atividades de louvor na Primeira Igreja Batista em Novo Horizonte em Marabá-PA, na qual o professor da aluna é também diretor musical da referida igreja.

As apresentações musicais são mediadas pela Libras, como primeira língua na comunicação com a aluna surda, cumprindo com o disposto na Lei Libras Nº 10.436/2002 (BRASIL, 2002) e o Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005).

A culminância da experiência, deu-se com as apresentações tanto solo quanto em grupo demonstrando habilidades musicais tal como qualquer ouvinte. A intervenção mediada pela Libras, pesquisa de sinais, atuação de interpretes e inovação em metodologias, aprimoradas e transformadas para atender a singularidade da aluna, foram decisivas para o sucesso e cumprimento dos objetivos de ensino e aprendizagem proposto no início da proposta de inclusão musical.

Na práxis, percebemos que a aluna conseguiu assimilar com maior facilidade os exercícios propostos através do estudo da partitura. Quando os exercícios eram propostos sem o uso da partitura a assimilação não acontecia. Porém, após a mudança de estratégia para a utilização da grafia musical, a prática se tornou mais objetiva, a aluna assimilava com maior clareza os exercícios e dinâmicas propostas.

Essa constatação nos mostra o potencial de adequações e condições de acessibilidade que são necessárias para esse percurso específico de aprendizagem que a princípio se prioriza a audição, levando-nos muitas vezes a ideia equivocada de impossibilidade de aprendizagem. A experiência nos mostrou quão valioso é pensar caminhos, desenvolver, testar, avaliar e ter o retorno da própria aluna com a expressão do que aprendeu.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao mergulhar no universo da música para pessoa surda pude perceber a gigantesca lacuna que existe tanto em materiais didáticos quanto em abordagens

metodológicas. Para que a música se torne acessível à todos, nós cientistas da educação precisamos aprofundar-mos nas pesquisas que se refere à música para todos.

Para quebrarmos esse paradigma de que pessoas surdas não são capazes de sentir a música como nós sentimos, ainda é necessário um esforço muito grande da comunidade surda e dos educadores musicais. Uma vez que buscarmos entender como se dá a percepção musical da pessoa surda poderemos de forma significativa ensinar um instrumento musical, não somente instrumentos de percussão, mas também instrumentos de sopros e cordas. Deixo aqui o meu desejo e incentivo aos educadores musicais que se debrucem sobre essa temática para promovermos a música como matéria inclusiva no seu mais puro sentido. A busca é incessante.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências. Disponível em: <www.mec.gov.br/seesp/legislacao.shtm> Acesso em: 25 de fevereiro de 2018.

_____. Ministério da Educação. **Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2018.

Blog SL.com – Artigo **O que é Partitura** – Disponível em <https://souzalima.com.br/blog/o-que-e-partitura/> - publicado em 05 de fevereiro de 2018.

CERVELLINI, N. G. H. **A criança deficiente auditiva e suas reações à música.** São Paulo; Editora Moraes, 1986.

_____. A musicalidade do surdo: representação e estigma.

FINCK, Regina. **Surdez e Música: será este um paradoxo?** XVI Encontro Anual da ABEM e Congresso Regional da ISME na América Latina. Anais. Santa Catarina, 2007.

**V CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
17 a 19 de outubro de 2018 – UNIFESSPA/Marabá-PA
ISSN 2526-3579**

FREITAS, Lira Enelrui. **Apostila de Regência**, fortaleza, Ceará 2006. Ed. Cânone Musical.

LACERDA, Cristina. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. Campinas, 1998.

MITTLER, Peter. **Educação Inclusiva: contextos sociais**. Tradução: Wyndz Brazão Ferreira. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Revista eletrônica BBC Brasil.com - **Cientista explica por que surdos podem gostar de música** – Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/ciencia/011128_shibataro.shtml - publicado em 28 de novembro de 2001.

VIANA, Armando – Manual do Batera – disponível em <https://drumav.com> – 27 de fevereiro de 2017.